



GT 031. Ensinar e Aprender Antropologia

Amurabi Pereira de Oliveira (Universidade Federal de Santa Catarina) - Coordenador/a, Ceres Karam Brum (UFSM) - Coordenador/a

Notório que nos últimos anos a Antropologia tem expandido sua presença junto às mais diversas formas universitárias e não universitárias, bem como, tem havido no Brasil um incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação, sem que com isso tenha havido um debate profundo em torno do seu ensino, bem como das particularidades do aprendizado de ser antropólogo, em termos da aquisição teórica-metodológica. O processo formativo em antropologia passa, necessariamente, pelas relações entre ensino e aprendizagem, de modo que a discussão em torno de sua aquisição mostra-se fundamental para a própria compreensão dos rumos da Antropologia como ciência na atual conjuntura. O presente Grupo de Trabalho visa discutir estas questões, com foco na formação de antropólogos e de não antropólogos, discutindo as diversas inserções da ciência antropológica em vários espaços formativos. Buscamos realizar uma reflexão em torno do lugar do ensino/aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos a sua realização, e das fundamentações epistemológicas e práticas que subjazem seu ensino, voltando para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), cientistas sociais, profissionais da saúde, professores etc. Também buscamos compreender o ensino/aprendizagem da Antropologia na educação básica. Este GT se baseia numa ampla interface entre a antropologia e ensino, visando abarcar os mais diversos trabalhos produzidos neste cenário.

Ensinar e Aprender Antropologia em um Curso de Medicina

Autoria: Gustavo Ruiz Chiesa

Pretendo nessa apresentação realizar um breve relato de uma experiência que venho passando desde que assumi, há pouco mais de um ano, o cargo de professor de Antropologia no recém-criado curso de Graduação em Medicina da Universidade Federal do Pampa. Mais do que simplesmente elaborar uma reflexão pessoal em torno de minha própria formação profissional, proponho pensar sobre o lugar que a Antropologia pode ocupar no interior de uma formação médica contemporânea. Assim, refletiremos não apenas a respeito do processo de ensino-aprendizagem de uma perspectiva antropológica aos graduandos em Medicina (o que certamente envolverá um debate indissociável entre forma como se abordar e conteúdo antropológico o que deve ser abordado), mas também sobre a pesquisa (afinal, seria possível, ou mesmo necessário, aprender a fazer etnografia em um curso de Medicina?), a inserção social ou comunitária envolvendo a entrada em campo e o inevitável diálogo com profissionais de distintas áreas e formações (Psicologia, Saúde Coletiva, Epidemiologia, Medicina de Família, Enfermagem etc.), nem sempre familiarizados com as técnicas, instrumentos e metodologias presentes em uma investigação antropológica. Um elemento bastante comum nos projetos político-pedagógicos que justificam a presença da Antropologia nos cursos de Medicina é a ideia de que as Ciências Humanas, de uma maneira geral, poderiam contribuir diretamente no processo de humanização dos futuros médicos e de integração desses profissionais com as outras áreas das Ciências da Saúde. Nesse sentido, em tal argumento, a Antropologia teria o papel de auxiliar na construção de um novo tipo de vínculo entre médico e paciente, apontando, entre outros aspectos, para os dilemas éticos, morais e sociais envolvidos nessa relação de cuidado. Penso que tal aproximação entre Humanidades e Humanização, tida muitas vezes como evidente, também precisa ser refletida se quisermos, de fato, explorar todas as potencialidades que uma perspectiva antropológica pode oferecer ao ensino e exercício da Medicina.



Realização:



Apoio:



Organização:

